

REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia • *Teologia* • *Prática*

Volume 14
Número 1
Junho 2025

TRABALHAR PARA DEUS OU ADORAR PIEDOSAMENTE A DEUS? UMA REFLEXÃO TEOLÓGICA SOBRE A COMPLEMENTARIEDADE DA ATITUDE DE MARTA E MARIA

“Working for God or Devoutly Worshiping God? A theological reflection on the complementarity of Martha and Mary’s attitudes”

Me. Edmar dos Santos Pedrosa¹

RESUMO

Trabalhar ou adorar a Deus? Há quem pense e defenda que essas atividades são desconexas, conflitantes e excludentes, mas será mesmo? Quando se fala de trabalho árduo e dedicado, em regra se referem a Marta, a intensa irmã de Lázaro, outrossim, quando se referem a adoração verdadeira, introspectiva e devotada, normalmente Maria, sua irmã de sangue, surge como melhor opção de exemplo, entretanto, sempre colocando as duas mulheres em contraste. Trabalhar é adorar e adorar é trabalhar, como se pretende sugerir aqui. O erro talvez não esteja em uma ou outra prática, mas na infeliz comparação e crítica que o praticante de uma atividade tende a fazer ao da outra. Parece que foi exatamente esse o motivo da repreensão dada por Jesus à Marta quando comparou o que ela fazia com a atitude adotada por sua irmã. Um novo olhar sobre essa questão se faz necessário para que as palavras dos protagonistas citados pelo evangelista Lucas, bem como o silêncio sacro de Maria, sejam colocadas em seus devidos lugares e recebam a melhor interpretação ou pelo menos a mais próxima da intenção divina de Jesus. Este artigo busca explorar a suposta dicotomia entre o serviço ativo e a adoração contemplativa na espiritualidade cristã, utilizando a narrativa bíblica de Marta e Maria como estudo de caso. Ao analisar o episódio registrado em Lucas 10.38-42, propõe-se que a oposição aparente entre trabalho e adoração resulta, na verdade, de uma interpretação equivocada, decorrente de uma comparação inadequada entre

¹ Graduado em Ciências Policiais e de Segurança Pública pela Academia de Polícia Militar do Barro Branco, Bacharel em Direito pela Universidade Salesiana de Campinas, Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Campinas e Mestre em Teologia pela FABAPAR (Faculdades Batista do Paraná). E-mail: pedrosaopbb@gmail.com

formas distintas, porém igualmente legítimas, de devoção. O texto sugere uma releitura da passagem que considere ambas as atitudes como expressões complementares da fé e do discipulado cristão, e não como práticas mutuamente excludentes.

Palavras-chave: Teologia cristã. Trabalho e adoração. Marta e Maria. Evangelho de Lucas. Espiritualidade. Interpretação bíblica.

ABSTRACT

Working or Worshiping God? There are those who maintain that these activities are disconnected, antagonistic, and mutually exclusive. But is this, in fact, the case? In discussions of arduous and dedicated labor, the figure of Martha — the diligent sister of Lazarus — is frequently invoked. Conversely, when addressing genuine, introspective, and devout worship, it is typically Mary, her biological sister, who is presented as the more virtuous exemplar, with both figures often set in deliberate contrast. However, one might argue that to work is, in itself, a form of worship, just as worship may be understood as a form of labor — a thesis this text aims to substantiate. The issue, perhaps, does not reside in either practice *per se*, but rather in the ill-advised comparison and critique that practitioners of one tend to direct toward those of the other. It appears that this was precisely the underlying motive behind Jesus' admonition of Martha, when she sought to measure her own conduct against that of her sister. A reconsideration of this theme is warranted, so that the words attributed to the protagonists in Luke's account — as well as Mary's sacred silence — might be interpreted within their appropriate historical and theological contexts, and thereby receive the reading most faithful to, or at least approximating, the original intention of Jesus. This article seeks to explore the traditionally perceived dichotomy between active service and contemplative worship within Christian spirituality, using the biblical narrative of Martha and Mary as a case study. By analyzing the episode recorded in Luke 10.38-42, the study proposes that the apparent opposition between work and worship is, in fact, a misinterpretation, stemming from an ill-considered comparison between different, yet equally valid, forms of devotion. The text suggests a rereading of the passage that considers both attitudes as complementary expressions of Christian faith and discipleship, rather than mutually exclusive practices.

Keywords: Christian theology. Work and worship. Martha and Mary. Luke's Gospel. Spirituality. Biblical interpretation.

INTRODUÇÃO

Defender que Jesus elogiou a atitude da piedosa Maria ao mesmo tempo que a da atarefada Marta quando a esta fez uma repreensão, não aparenta ser uma boa ideia teológica a ser defendida. Entretanto, seja por mera curiosidade ou por um interesse hermenêutico genuíno, penso que vale a pena se aventurar desbravando esse caminho para ao final enriquecer o já extenso conhecimento a respeito daquelas irmãs.

1. TODA IDEIA É BOA, MESMO QUE SEJA OU PAREÇA CONTROVERSA

Em uma recente viagem, enquanto estava lendo um brilhante livro intitulado “como ter o coração de Maria no mundo de Marta”² fiquei na expectativa de encontrar um contraponto na obra do tipo: “como ter o coração de Marta num mundo de Maria”, mas não o encontrei. Tive então a ideia de escrever algo a respeito, entretanto tão rápido como a ideia surgiu, a desistência a acompanhou. Não me pareceu ser uma boa coisa prosseguir avante com aquilo.

² WEAVER, Joanna. **Como ter o coração de Maria no mundo de Marta.** Rio de Janeiro: CPAD, 2022.

Entretanto, bastou eu fechar o livro para começar a ouvir, involuntariamente é verdade, a conversa entre dois distintos cidadãos que estavam sentados ao meu lado. Logo percebi pela fala de ambos que se tratava de um professor e seu aluno de mestrado em alguma área de tecnologia. Não era uma simples conversa em si, mas uma verdadeira aula a respeito de um tema complexo.

Embora eu não entendesse absolutamente nada do que falavam, minha atenção foi despertada, não pelo conteúdo profundo e completamente desconhecido a mim, mas pela dinâmica agradável do debate que provocava rabiscos e diagramas numa folha de papel. A viagem passou rápido.

Minutos antes eu já havia desistido da ideia de sugerir um novo olhar sobre a atuação de Marta frente a de Maria, até que uma fala daqueles homens me fez repensar o assunto. O aluno confessou que uma das ideias que havia tido não era lá das melhores e por isso não valeria a pena prosseguir com ela. Naquele momento o idoso professor, de maneira muito polida e amorosa lhe interrompeu e disse: “toda ideia é boa, basta que seja bem desenvolvida”.

Nunca saberei se aquele mestrando acatou a fala do professor, mas a mim funcionou como uma verdadeira motivação do tipo: escreve sim o que pensou, vale a pena! Não pretendo espiritualizar aquele momento, porém aqui estou eu explorando minha ideia a qual espero sinceramente que seja boa, ou pelo menos útil. Minha gratidão ao desconhecido professor que sem saber, foi usado por Deus para me motivar.

2. MARTA, A CONTROVERSA PROTAGONISTA

Para uma perfeita abordagem a respeito do tema proposto, a personagem Maria será deixada um pouco de lado como uma verdadeira coadjuvante do enredo, tendo em Marta, sua irmã, a verdadeira protagonista. Ambas, embora fossem da mesma família, eram muito diferentes quanto ao tipo de personalidade, ou seja, tinham temperamentos opostos. Uma coisa elas tinham em comum – seu imenso amor por Jesus e com o disse alguém certa vez: “se quiser conhecer melhor uma pessoa, observe o que ela ama”.

De fato, “somos mais um produto da nossa genética do que do nosso ambiente”.³ Talvez Maria fosse uma fleumática ou melancólica, justamente por seu perfil pensativo e introvertido, já Marta por sua vez, parece se encaixar muito bem no temperamento Colérico, daqueles que são do tipo um executor nato, que acham que conseguem fazer tudo sozinhos, até descobrirem que não é bem assim.

Marta foi uma personagem muito especial na vida terrena de Jesus tanto que os evangelistas Lucas e João citam expressamente seu nome em seus escritos. Poucas mulheres tiveram esse privilégio. Foi uma discípula e seguidora fiel de Cristo, muito estimada por ele conforme relata João 11.5 (*Jesus amava Marta, a irmã dela e Lázaro*).⁴

Todavia, o que a tornou famosa foi outra atitude dela, infelizmente negativa para muitos:

Marta é bem conhecida como aquela que estava sempre envolvida e sobrecarregada com os afazeres diários. É por isso que muitas pessoas se identificam com ela. Quando recebia Jesus em sua casa, ficava tão atarefada com os trabalhos domésticos que perdia os bons momentos de comunhão com ele que seus dois irmãos desfrutavam (Lc 10.39-42; Jo 12.2).⁵

Não parece ser o julgamento mais justo à Marta o condenar suas atitudes em querer trabalhar e se dedicar para fazer o melhor ao mestre. Talvez o que tenha gerado a repreensão carinhosa de Jesus a ela não tenha sido o trabalhar arduamente, mas sua atitude de rejeição à conduta de sua irmã Maria.

Como se diz popularmente, ela botou reparo⁶ naquilo que sua irmã fazia, desviando o foco do seu afazer. Neste sentido, observar com olhar de julgamento e reprovação o que o outro faz em comparação

³ SWEENEY, Linda; LEWIS, Eleanor; MARTIN, Traci; HELMS, Michele; ROSENBROUGH, Robin; HARLEY, Pat. *Seja surpreendente: estudo prático baseado em Tito 2.3-5*. Campinas: Be Amazing Brasil, 2013, p. 149.

⁴ GARDNER, Paul. *Quem é quem na Bíblia Sagrada*. São Paulo: Vida, 2005, p. 439.

⁵ GARDNER, 2005, p. 440.

⁶ “Botar reparo” significa, no contexto português, dar atenção, observar, prestar atenção em algo. É uma expressão que enfatiza a necessidade de observar com cuidado ou de se dar conta de algo.

ao que se esteja fazendo, é pecado, uma forma de murmuração e até maledicência, coisas que Jesus repreva independente dos motivos que os provocam. Marta estava muito atarefada, de fato, mas jamais deveria ter reprovado a atitude de sua irmã.

Faltou-lhe a modéstia em reconhecer que “em vez de tentarmos mudar a outra pessoa, precisamos mudar as nossas expectativas, afinal precisamos uns dos outros como cada um é”⁷

Jesus entendeu a atitude de Marta, não restam dúvidas quanto a isso, tanto que mais tarde ele veio a honrar a fé desta mulher ao ressuscitar Lázaro atendendo ao pedido justamente dela.⁸

Isso nos permite deduzir que na visita de Jesus à casa das irmãs, ambas estavam muito ocupadas, cada uma na sua atividade. Era muito importante o que cada uma fazia, e Maria escolheu a melhor parte, a recepção, o ato de dar atenção ao visitante. Era a parte menos cansativa com certeza e a mais prazerosa também. Ouvir e contemplar Jesus era um privilégio inigualável, incomparável.

Marta, por outro lado, encarregara-se sozinha de todo o trabalho na cozinha e dos preparativos para receber os hóspedes.⁹ Assim sendo e de acordo com os relatos bíblicos, é mais correto afirmar que o labor e o louvor devem se conectar e se completar, jamais se opor uma vez que não são conceitos antagônicos.

3. TRABALHAR OU ADORAR, EIS A QUESTÃO

Quanto ao relato bíblico de Lucas¹⁰ no evangelho que leva seu nome, um fato interessante nos chama a atenção. Em regra, sempre que cristãos tratam do texto bíblico em que Jesus visitou (não pela primeira vez com certeza) a casa de suas amigas pessoais, Marta e Maria, todos condenam a atitude de Marta enquanto ao mesmo tempo enaltecem a de Maria como se fossem antagônicas e o trabalho fosse quase que uma “maldição”.

Por outro lado, fomos escravizados pela mentalidade da prosperidade conquistada a duras penas. Assim ouvimos como um mantra por todos os lados: “Estude, enquanto eles dormem. Trabalhe, enquanto eles se divertem. Lute, enquanto eles descansam. Depois viva o que eles sempre sonharam”.

Convenhamos que é uma receita que dá certo em alguns casos, mas o custo pode ser alto demais. O estresse e o *burnout* seguidos pelas doenças mentais são prova cabal disso. Ao que parece as mulheres em especial estão sendo bastante afetadas com essa realidade chegando ao ponto de desenvolverem doenças autoimunes. Pesquisas apontam de forma alarmante que dos 8% da população mundial que sofrem de uma doença autoimune, 78% são mulheres.¹¹

Não se pretende fazer uma apologia à valorização doentia de cristãos inquietos e hiperativos que caminham no dia a dia realizando múltiplas tarefas, tão pouco enaltecer o ócio como forma de contemplação sagrada. Nem um nem o outro estão corretos. Todo extremo tende a ser problemático.

Entretanto, fato é fato e precisamos reconhecer que estamos vivendo numa sociedade do cansaço.¹² E como afirmam renomados terapeutas cristãos: “vivemos em uma sociedade que atribui excessivo valor às atividades produtivas.¹³

Como classifica sabiamente um renomado especialista¹⁴, estamos presenciando uma verdadeira **Síndrome da Mulher Maravilha** que atribui às mulheres o peso invisível de ser tudo para todos. Isso nos

⁷ SWEENEY, 2013, p. 157.

⁸ Cf. João 11.3.

⁹ GARDNER, 2005, p. 438.

¹⁰ Cf. Lucas 10.38-42.

¹¹ Disponível em <https://www.unensayoparami.org/pt/noticias-medicas/artigo/por-que-as-mulheres-sofrem-mais-de-doencas-autoimunes>. Acesso em 15 mar. 2025.

¹² Byung-Chul Han mostra que a sociedade disciplinar e repressora do século XX descrita por Michel Foucault perde espaço para uma nova forma de organização coercitiva: a violência neuronal. As pessoas se cobram cada vez mais para apresentar resultados - tornando elas mesmas vigilantes e carrascas de suas ações (HAN, 2017, p. 128).

¹³ BÍBLIA CONSELHEIRA, 2019, p. 1621.

¹⁴ Dr Gabor Maté, médico e autor húngaro-canadense.

leva a uma verdade cruel: hoje a mulher forte, amanhã a mulher doente. Segundo ele: “ela sente culpa quando descansa, vergonha quando falha, medo de ser julgada por dizer não. Carrega sozinha o mundo nas costas porque aprendeu, desde cedo, que seu valor está em servir, cuidar, suportar”. Servir a Deus deveria ser fonte de prazer e não de sobrecarga.

4. DEUS AMA E INCENTIVA O TRABALHO

O que desagrada a Deus não é o trabalho em si, mas certamente é tanto a prática do ócio quanto a do ativismo, a tirania do urgente e o ter que fazer tudo como se fosse para ontem. Na dose certa, trabalho é benção divina.

A ordem divina é para imitarmos as formigas, justamente pela sua capacidade laborativa mesmo sendo seres irracionais. Como um incentivo à produtividade em contrapartida à preguiça, somos alertados: “vai ter com a formiga, ó preguiçoso”.¹⁵

Deus ama tanto o trabalho que o próprio Jesus fez uma afirmação contundente ao dizer que “O meu Pai trabalha até agora, e eu também trabalho”.¹⁶

No relato de Éxodo capítulo 18, Moisés é retratado como alguém que trabalhava tanto que suas funções foram divididas por nada menos que 70 homens capazes. Tudo isso já é suficiente para concluir-se que trabalho é adoração em movimento, entretanto uma história em especial, contada por Jesus, ilustra melhor o assunto.

Ele disse em parábola, que um pai pediu a dois de seus filhos para que trabalhassem na sua vinha, um filho se recusou a ir, mas depois arrependido, mudou de ideia e foi. O segundo filho, por sua vez, disse que ia, para agradar o pai, mas não foi.¹⁷ Apenas um deles foi um adorador por meio do trabalho, já o outro não passava de um hipócrita dedicado ao ócio.

Não é nenhuma surpresa que no reino de Deus existe uma desproporção entre trabalho e trabalhadores. Há muito o que fazer e poucos que o fazem. A Bíblia nos mostra que Jesus se dirigiu a seus discípulos certa vez e afirmou: “A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para sua seara”.¹⁸

5. O ETERNO E “DESNECESSÁRIO” DILEMA ENTRE O FAZER E O SER

No meio cristão é muito comum ouvir uma afirmação quase que dogmática em que se diz que nas igrejas: “quem não trabalha, dá trabalho!” Quanto à sobrecarga impõe àqueles poucos que trabalham em prol de muitos outros, isso parece ser uma temível verdade. De fato e por motivos diversos, enquanto alguns poucos preferem, ou são “obrigados” a servir por conta da carência de mão de obra, outros declaradamente preferem “apenas” adorar contemplativamente ao Senhor como se ambas as atividades estivessem desconexas.

Seja Maria ou Marta, ambas serviam e ambas contemplavam ao mesmo tempo, todavia, cada uma a seu jeito, da sua maneira. Ambas eram servas do Senhor e resgatadas por ele. Não parece que havia algo de errado com o que ambas faziam naquele momento da visita de Jesus entre elas.

Existem perigos sérios à espiritualidade e piedade tanto quanto ao trabalhar para Deus quanto ao contemplar a Deus. Como ensina Larry Crabb:

Quando vivemos para fazer a vida funcionar, quer sigamos a sabedoria natural ou os princípios bíblicos, tornamo-nos orgulhosos ou desanimados, presunçosos ou passamos a odiar a nós mesmos. Os cristãos não são exceção. Quando um pai cristão adota com perseverança um

¹⁵ Cf. Provérbios 6.6.

¹⁶ Cf. João 5.17.

¹⁷ Cf. Mateus 21.28-32.

¹⁸ Cf. Mateus 9.35-37.

método piedoso ao criar os filhos, a fim de que venham a ser cidadãos respeitados, quando isso funciona, esse pai se torna mais orgulhoso do que grato. Mas, o orgulho é disfarçado.¹⁹

Não dá mesmo para negar – nosso coração é idólatra e muito enganoso, mais que todas as coisas.²⁰ Uma das irmãs escolheu a melhor parte, porém qual seria?

6. O DEVER DA HOSPITALIDADE

Como a hospitalidade é um valor bíblico, uma verdadeira disciplina espiritual, é apresentada sempre como um dever, uma virtude pessoal e acima de tudo uma expressão de amor. O mesmo Lucas mostrou em outro texto que o próprio Jesus advertiu severamente um religioso fariseu por ele ter aberto mão desta prática intencionalmente.²¹

Simão, ao que parece, não foi simpático a Jesus. Mesmo sendo um fariseu, ele não cumpriu nenhuma das obrigações da hospitalidade para com seu visitante ilustre - ele sequer forneceu água para que lavasse os pés. MacArthur explica que aquela era uma omissão indesculpável. Lavar os pés de um convidado era uma formalidade essencial. Não oferecer água a um convidado para que lavasse os pés era equivalente a insultá-lo.²²

Para frisar bem a questão sob análise, são muitos os outros relatos bíblicos a esse respeito. O apóstolo Pedro em seus últimos dias de vida alertou os cristãos ordenando: “*Sejam hospitaleiros uns com os outros*” e ainda acrescentou como fazer isso, ou seja, “*sem resmungar*”.²³

O inominado autor da carta aos Hebreus fez questão de relembrar isso ao exortar: “*Não se esqueçam da hospitalidade; foi praticando-a que, sem o saber, alguns acolheram anjos*”.²⁴

Paulo, o maior doutrinador da igreja primitiva não podia deixar de tratar de tão importante assunto e por isso aconselhou: “*Compartilhem o que vocês têm com os santos em suas necessidades. Pratiquem a hospitalidade*”.²⁵

Assim sendo, parece que essa questão, respeitadas as diferenças culturais de cada povo ao longo dos séculos, tem íntima relação com o que Jesus colocou como sendo o segundo e maior mandamento ao afirmar que: “*amar o próximo como a si mesmo é prova real de que se ama a Deus*”.²⁶

Tudo isso nos permite concluir que ambas as irmãs estavam sendo hospitaleiras ao mestre. Uma recepcionando-o inicialmente e outra preparando a recepção complementar. É notório que a pior parte havia ficado com Marta. Vale a pena se aprofundar nisso um pouco mais. Vamos:

7. O QUE ERA MAIS IMPORTANTE, CICERONIAR²⁷ OU COZINHAR?

Como era uma virtude, um dever social e uma pura expressão de amor o fato de ser hospitaleiro a um visitante, alguém precisaria cuidar da recepção desde a porta bem como fazer sala, como é conhecido popularmente hoje em dia. Ao mesmo tempo, e tão importante quanto, alguém precisaria cuidar da alimentação a ser fornecida ao visitante. Como as irmãs eram duas, inevitavelmente essas missões já estavam previamente divididas entre elas.

Por certo uma trabalhava mais que a outra e ao que tudo indica, bem mais por sinal. Marta precisava

¹⁹ CRABB, Lawrence J. **Chega de regras**. Bragança Paulista: Jesus Copy, 2022, p. 29.

²⁰ Cf. Jeremias 17.9.

²¹ Cf. Lucas 7.36-50.

²² MACARTHUR, 2010, p. 1336.

²³ Cf. 1 Pedro 4.9.

²⁴ Cf. Hebreus 13.2.

²⁵ Cf. Romanos 12.13.

²⁶ Cf. Mateus 22.39.

²⁷ Ciceroniar significa acompanhar alguém como guia. O termo vem de Cícero, o famoso orador romano, cuja eloquência e capacidade de conduzir audiências inspiraram essa expressão. Disponível em <https://chatgpt.com/c/682354c4-0754-8012-ad99-5e54cf851767>. Acesso em 13 mai. 2025.

de ajuda para dar conta das tarefas.

Não por amor à polêmica inútil, mas ao bom debate bíblico e sem flertar com a heresia ou a *eisegese*²⁸, ouso afirmar que é possível que Jesus não tenha vindo sozinho àquela visita e pior, é provável que ele estivesse muito bem acompanhado, pelo menos numericamente. E isso de surpresa, afinal, uma das características do cuidado que Jesus praticava era o de surpreender a pessoa com suas atitudes, justamente como no caso de Marta e Maria.²⁹

No mesmo contexto analisado, Lucas relatou literalmente que: “E aconteceu que, **indo eles de caminho**, entrou numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa. E tinha esta uma irmã, chamada Maria [...].”³⁰ Note o plural usado pelo evangelista - indo eles.

É sabido que por onde Jesus andava, um grupo expressivo de pessoas o acompanhava. Comprovadamente, pelo menos 12 apóstolos, homens sempre famintos devido as cansativas jornadas em que eram submetidos (lembremos do clima severo e da geografia dura da palestina). Além deles, mulheres seguiam Jesus de perto e olha que nem sabemos exatamente quantas eram. Os evangelhos dão pistas:

Lucas³¹ descreve essas mulheres, explicando que Jesus “andava de cidade em cidade, e de aldeia em aldeia, pregando (...); e os doze andavam com ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas (...), Maria, chamada Madalena, (...) e Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, e Suzana, e *muitas outras* que o serviam com seus bens”. A frase “muitas outras” implica um grupo de tamanho expressivo.³²

Para acrescentar mais tempero à suposição, além daqueles e daquelas já mencionados, Jesus se fazia acompanhar de um grupo chamado por ele de discípulos que totalizava em média 70 ou 72 pessoas como narram os textos bíblicos.³³ A história das duas irmãs está contida exatamente no mesmo capítulo de Lucas como uma sequência natural dos fatos. Você não leu ou entendeu errado não – Jesus andava com uma verdadeira multidão no seu rastro.

Por puro e simples exercício de empatia, vale a pena se colocar no lugar de ambas as irmãs. Pense um pouco: de repente chega à sua porta Jesus em pessoa e ele não era uma simples pessoa, era Deus visitando a casa delas. O ser humano mais importante da terra estava ali e elas precisavam demonstrar hospitalidade, não por mera obrigação, mas por amor e afeto que tinham por ele.

Talvez, e somente talvez, convém deixar claro isso aqui, assim que o cumprimentaram, devem ter olhado por sobre seus ombros e tiveram uma visão no mínimo assustadora – um bando de gente com ele. Como recepcionar bem e alimentar adequadamente tantas pessoas?

Se fosse hoje, por certo o leitor desse artigo ficaria bastante aflito, preocupado e com certeza bastante atarefado. Possivelmente foi o que deve ter acontecido a elas, afinal uma teria que cuidar da recepção e outra da alimentação.

Suposição encerrada aqui e olhando fielmente o texto bíblico, pelo menos uma pessoa podemos afirmar com convicção que estava ali na casa delas – Jesus. Mesmo sendo apenas uma pessoa, os deveres da hospitalidade deveriam ser exercidos por elas quanto àquela visita.

E Marta, até por conta de seu temperamento, mesmo amando a Jesus tanto quanto sua irmã Maria, escolheu a pior parte, pelo menos quanto a sobrecarga de serviços que aquilo lhe implicaria, e atarefada, acabou falando o que não devia. Seu pecado não foi trabalhar, foi julgar.

²⁸ A palavra eisegese vem do grego “eis” que significa “em” ou “dentro” e “exegese” que significa “interpretar”. Portanto, eisegese significa interpretar um texto colocando algo dentro dele. Isso pode incluir crenças pessoais, preconceitos, ideias pré-concebidas e até mesmo distorções intencionais do texto original. A eisegese muitas vezes distorce o significado real do texto, levando a interpretações equivocadas. Disponível em <https://www.significadosdepalavras.com/eisegese>. Acesso em 02 de abr. 2025.

²⁹ BIBLIA CONSELHEIRA, 2019, p. 1619.

³⁰ Cf. Lucas 10.38-39.

³¹ Cf. Lucas 8.1-3.

³² Disponível em https://www.churchofjesuschrist.org/study/liahona/2022/03/08_the-women-who-followed-jesus-from-galilee?lang=por. Acesso em 02 abr. 2025.

³³ Cf. Lucas 10.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Martas e Marias não se excluem, se completam. O mundo e notadamente as igrejas, precisam de ambas, e como!

As duas irmãs desejam fazer duas coisas que são importantes para todo discípulo: servir e escutar o mestre. Marta, na preocupação por servir bem a Jesus, não se deu conta do que ele realmente queria: Jesus preferia comer com mais simplicidade e ter mais tempo com ambas sentadas a seus pés.³⁴

Jesus não a repreendeu por estar simplesmente trabalhando demais, dado às circunstâncias, aquilo era necessário. Ele a advertiu por ter se importado mais em retirar sua irmã daquilo que ela estava fazendo, do que em continuar a servir com excelência. A comunicação sem palavras do olhar quanto a Maria, o tom e calor da voz dirigida a Jesus bem como o modo de andar e falar denunciaram seu incômodo.

De fato, e por motivos variados, faltou sabedoria à Marta: um dos fatores mais importantes para a saúde mental é ter uma noção sobre o que é realmente importante na vida.³⁵

Jesus a curou daquele comportamento patológico e ela parece ter aprendido o que séculos mais tarde ensinou o Dr Gabor Maté: “não é fraqueza admitir que não consegue, é coragem. Não é egoísmo colocar-se em primeiro lugar, é sobrevivência. Desistir de tudo não é fracasso, é liberdade”³⁶

Ao que tudo indica, ela aprendeu bem a lição.³⁷ Um segundo encontro semelhante ao aqui analisado ocorreu, porém desta vez as coisas foram diferentes, Maria adorava e Marta servia, porém:

Diferente do primeiro encontro deles, agora Marta estava em paz com sua atividade. Não havia tensão no ar, nenhum incômodo, mágoa ou reclamação alguma. Marta servia “o Cristo, o filho de Deus que devia vir ao mundo (João 11.27)”, sem insistir que todos fizessem como ela. Já não havia reducionismos nem doutrinas – havia liberdade para demonstrar amor. Maria, ela também servia, ao seu modo: novamente aos pés de Jesus é o seu lugar, mas numa última homenagem daquela que passou da passividade da escuta para a atividade amorosa.³⁸

Devemos fazer coro com Paul Gardner quando concluiu a respeito da biografia daquela fantástica mulher. Ele afirmou que: Marta não deve ser criticada por seu comportamento. Suas atitudes revelavam sua lealdade para com o Senhor Jesus. Seu caráter sincero é demonstrado por sua fé honesta e firme. Marta era uma seguidora leal de Jesus, cria nele e o servia com devoção e zelo.³⁹

Mesmo errando em sua avaliação quanto a postura de sua irmã, e quem é que pode atirar a primeira pedra? Ela foi uma serva digna de ser imitada e seus atos dignos de serem seguidos pelas gerações posteriores, afinal, a salvação não ter a ver com o que eu faço, mas com o que Jesus fez.⁴⁰

É louvável e totalmente necessário se adorar a Deus contemplando a sua glória santa, contudo e ao mesmo tempo, se deve adorar trabalhando em sua obra. Trabalho não é, mas pode se tornar uma maldição quando exercido da maneira equivocada. Trabalhar é forma de adorar. Marta e Maria fizeram isso, cada uma do seu jeito.

Assim como ela, devemos perceber que, embora sejam diferentes, os outros são feitos de modo “especial e admirável”, como nós. O próximo passo é percebermos que os outros são diferentes – e que está tudo bem!⁴¹

³⁴ BIBLIA CONSELHEIRA, 2019, p. 1621.

³⁵ BIBLIA CONSELHEIRA, 2019, p. 1621.

³⁶ Disponível em <https://www.instagram.com/reel/DJs3WVLssq3/>. Acesso em 23 mai. 2025.

³⁷ Cf. João 12.

³⁸ BIBLIA CONSELHEIRA, 2019, p. 1698.

³⁹ GARDNER, 2005, p. 440.

⁴⁰ WEAVER, 2022, p.11.

⁴¹ SWEENEY, 2013, p.156.

REFERÊNCIAS

BIBLIA DE ESTUDO CONSELHEIRA. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2019.

BIBLIA DE ESTUDO MACARTHUR. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

CRABB, Lawrence J. **Chega de regras.** Bragança Paulista: Jesus Copy, 2022.

GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada.** São Paulo: Vida, 2005.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** Petrópolis: Vozes, 2017.

SWEENEY, Linda; LEWIS, Eleanor; MARTIN, Traci; HELMS, Michele; ROSENBROUGH, Robin; HARLEY, Pat. **Seja surpreendente:** estudo prático baseado em Tito 2.3-5. Campinas: Be Amazing Brasil, 2013.

WEAVER, Joanna. **Como ter o coração de Maria no mundo de Marta.** Rio de Janeiro: CPAD, 2022.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional